

O CINEMA PRODUZIDO NA ESCOLA COMO ARTE COLABORATIVA

Morgana Sousa Assunção¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar cinco curtas – *Cerrado Brincado*, *Meu Nome é Lyceu*, *Elo*, *Esquadrão Cerrado* e *Memórias Secas* – produzidos por estudantes no projeto de cinema e educação *Se Liga no FICA*, durante o XVIII Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), ocorrido na Cidade de Goiás - GO, entre os dias 16 e 21 de agosto de 2016. Nos interessa discutir o cinema produzido na escola como arte colaborativa, suas obras e o processo de criação coletiva entre os diferentes grupos sociais (festival de cinema, universidade e escola) a partir das questões que Claire Bishop levanta sobre a virada social na arte contemporânea e a virada ética na crítica da arte. Ainda como referencial teórico, trabalhamos com os conceitos de pedagogia da criação e análise de criação do Alain Bergala.

PALAVRAS-CHAVES: cinema; educação; arte colaborativa; pedagogia da criação.

THE CINEMA PRODUCED SCHOOL AS COLLABORATIVE ART

ABSTRACT: This paper aims to analyze five short films – *Cerrado Brincado*, *Meu Nome é Lyceu*, *Elo*, *Esquadrão Cerrado* and *Memórias Secas* – produced by students in the film and education project *Se Liga no FICA*, during the XVIII Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), held in Cidade de Goiás - GO, between August 16 and August 21, 2016. We are interested in discussing the cinema produced in the school as collaborative art, their works and the creation process, between different social groups (film festival, university and school) from the questions Claire Bishop raises about the social turn in contemporary art and the ethical turn in art criticism. Still as a theoretical framework, we work with the concepts of creation pedagogy and creation analysis of Alain Bergala.

KEYWORDS: cinema; education; collaborative art; pedagogy of creation.

231

¹ Aluna do Mestrado Profissional em Artes (PPGARTES), da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Linha de Pesquisa: Experiências e mediações nas relações educacionais em arte. E-mail: literalmentevlogando@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No dia 20 de agosto de 2016, em uma cidade do interior de Goiás, a quadra de esportes do antigo Colégio Sant'anna havia se transformado no Cinemão - a sala de exibição das mostras² do XVIII Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA). Nesta manhã de sábado, o público era composto principalmente pelos estudantes das onze escolas públicas que exibiam seus filmes na Mostra Competitiva de Vídeos Escolares *Se Liga no FICA*. Crianças e adolescentes se sentavam até mesmo no chão dos corredores do Cinemão para assistir os filmes que eles (ou os colegas) produziram.

Neste artigo analisaremos cinco dos onze curtas-metragens escolares exibidos no XVIII FICA, a partir do conceito levantado por Claire Bishop (2008) de arte colaborativa. Socialmente engajada e participatória, a arte baseada na colaboração social é aquela que está interessada “nas recompensas de uma atividade colaborativa – seja trabalhando com comunidades preexistentes, seja estabelecendo sua própria rede interdisciplinar” (BISHOP, 2008, p.146). Podemos considerar o cinema produzido na escola uma arte colaborativa?

O cinema é uma arte coletiva, com diferentes graus de autoria: roteirista, diretor de fotografia, diretor de arte, diretor de som e o diretor do filme - que é quem recebe o crédito de autor final da obra cinematográfica. Trazemos o conceito de arte colaborativa para um cinema produzido por estudantes e professores de escolas públicas depois de três dias de oficinas na escola, ministradas por estudantes de Cinema e Audiovisual, que acabam se colocando nos filmes em menor ou maior grau a partir da “mediação”/“orientação”, seguida pela montagem dos filmes sem o acompanhamento dos estudantes das escolas.

Este trabalho busca fazer a crítica desses filmes, considerando-os arte colaborativa, priorizando o pensamento estético e o sociopolítico, em vez de um julgamento ético - seja rejeitando as obras “por considerá-las marginais, desencaminhadas e carentes de qualquer tipo de interesse artístico” (BISHOP, 2008, p.147) ou enfatizando o procedimento de trabalho, a relação entre o artista e seus colaboradores, em detrimento da obra. As

2 O XVIII FICA contou com seis mostras de cinema em sua programação: a Mostra Competitiva, a 8ª Mostra Infantil - Fica Animado, 14ª Mostra ABD, Mostra Paralela do Cinema Brasileiro, Mostra de Lançamento Nacional e a Mostra de Vídeos Escolares *Se Liga no FICA*. A programação incluía também debates com cineastas, o Fórum de Cinema e o Fórum Ambiental com oficinas de cinema e meio ambiente, e diversas apresentações musicais (ASSUNÇÃO, 2018).

questões que Claire Bishop (2008) levanta sobre a virada social na arte contemporânea e a virada ética na crítica da arte, traz pontos interessantes para análise de um projeto de cinema e educação dentro de um festival e as obras produzidas nesse contexto.

2. CINEMA E EDUCAÇÃO

O cinema pode fazer parte da educação escolar de diferentes maneiras: seja na exibição de um filme para resolver o problema da aula vaga; no filme que ilustra o conteúdo da aula de história ou no que gera debate na aula de sociologia. Mas para além da função de entretenimento ou de “suporte pedagógico de disciplinas e conteúdos específicos” (FRANCO, 2010, p. 10), é possível ampliar a entrada do cinema na escola e trabalhar o valor estético do cinema, proporcionando experiência emocional.

A linguagem artística, [...] é, em todas as formas de expressão estética, uma linguagem de síntese, que resume, que reconfigura, que desconfigura, que mais indaga do que responde, que dialoga com o sonho, o devaneio e a incerteza. Busca, seja nas formas mais tradicionais como nas mais experimentais, mobilizar nossa percepção, sensibilidade e adesão afetiva, emocional, intuitiva. (FRANCO, 2010, p. 19).

O cinema na escola pode ser um ato de criação, como propõe Bergala (2008) com a pedagogia da criação, possibilitando uma experiência estética e subjetiva, devolvendo aos estudantes (e professores) o gesto emancipador de inventar, seja como espectador ou como fazedor de imagens. É com essa compreensão do cinema como arte e como marca de um gesto de criação, não como texto ou como tema, que foram elaboradas as oficinas do *Se Liga no FICA*, edição 2016.

No primeiro semestre de 2016, os estudantes de Cinema e Audiovisual do IFG participantes da disciplina de Cinema e Meio Ambiente, foram convidados a retomar o projeto *Se Liga no FICA*. Orientados pelo docente da disciplina, Carlos Cipriano, foi definida

uma metodologia para as oficinas, inspirada no formato das edições anteriores do *Se Liga no FICA* e no projeto de cinema e educação, *Inventar com a Diferença*³, que trazia Alain Bergala como referencial teórico.

Segundo Bishop (2008, p. 147), os artistas e grupos de arte colaborativa possuem objetivos variados, mas mantêm-se “ligados pela crença na criatividade da ação coletiva e nas ideias compartilhadas como forma de tomada de poder.”. É possível reconhecer essas características na pedagogia da criação de Bergala, que busca na arte - e no cinema incluso - um elemento que perturba o sistema de valores, de comportamento e de normas da escola em contraponto à tendência da instituição de “normalizar, amortecer e até mesmo absorver o risco que representa o encontro com toda forma de alteridade” (BERGALA, 2008, p. 30). Para Fresquet e Migliorin (2014, p. 17), o cinema, entre as afirmações de regra e certezas da escola, pode tencionar com exceções e dúvidas, afeto e sensações nesse terreno hegemonicamente cognitivo.

Apostar no cinema na escola, é apostar “na própria escola como espaço onde estética e política podem coexistir com toda a perturbação que isso pode significar” (FRESQUET; MIGLIORIN, 2014, p. 07). É apostar na potência de invenção da imagem cinematográfica, que é afetada pelo mundo real ao mesmo tempo que constrói o real, inventa mundos, cria forma de vidas, contribuindo para a emancipação intelectual (FRESQUET; MIGLIORIN, 2014, p. 17) e emocional (FRANCO, 2010) do estudante e do professor. É com essa concepção de cinema e educação que o *Se Liga no FICA* 2016 acontece, em semelhança à descrição de arte colaborativa de Bishop (2008, p. 147), com projetos “politicamente engajados, que levam adiante o apelo modernista de mesclar a arte à vida”.

³ *Inventar com a Diferença - Cinema, Educação e Direitos Humanos* é um projeto criado em 2013, idealizado por Cezar Migliorin, Isaac Pipano e Luiz Garcia, coordenado pela UFF. O projeto cria uma metodologia para realizar oficinas em escolas, proporcionando a experiência de criação cinematográfica a partir de dispositivos - poucas e objetivas regras, que conduzem ao acaso pelo cinema (MIGLIORIN, 2015, p. 78), ao mesmo tempo que põe em questão a relação com o outro, que é filmado, que filma, que é deixado de fora, trabalhando a alteridade do olhar sem entrar diretamente em conceitos dos direitos humanos.” (ASSUNÇÃO, 2018).

3. SE LIGA NO FICA - EDIÇÃO 2016

A criação do FICA na Cidade de Goiás⁴ em 1999, pelo Governo de Goiás, teve a intenção de divulgar, nacional e internacionalmente, a cidade para favorecer sua candidatura ao título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO - obtido em 2001 (CARNEIRO, 2005, p. 53). O festival manteve sua periodicidade anual e completou sua maioria em 2016, quando realizou a terceira edição do *Se Liga no FICA*.

Criado por Rodrigo Santana, coordenador do projeto 'FICA na Comunidade', a primeira edição do *Se Liga no FICA* aconteceu em 2005, com segunda edição em 2006. A edição de 2016 foi realizada em parceria entre IFG Campus Cidade de Goiás, IDESA – instituto vencedor da licitação para a realização do XVIII FICA – e a Subsecretaria Regional de Educação/SEDUCE. Temos então os grupos sociais participantes desse projeto de colaboração: o próprio FICA – com a iniciativa de modificar o formato do *Se Liga no FICA* propondo a parceria e financiando⁵ o projeto; os bacharelados do curso de Cinema e Audiovisual do IFG, que ministraram as oficinas e editaram os filmes produzidos; e os noventa estudantes de ensino fundamental e médio e os mais de vinte professores de onze escolas públicas estaduais (IFG, 2016).

Festival, universidade e escola pensando, propondo, produzindo e experienciando o cinema e a educação. Comunidades preexistentes estabelecendo sua própria rede de colaboração artística, objetivando a produção de onze curtas-metragens para a Mostra Competitiva de Vídeos Escolares *Se Liga no FICA*.

As oficinas do *Se Liga no FICA*, aconteceram em seis encontros nos meses de junho e agosto de 2016 (ASSUNÇÃO, 2018, p. 25). Com os mediadores divididos em duplas, nos três primeiros encontros foram utilizados dispositivos do *Inventar com a Diferença* como forma de apresentar aos estudantes (e professores), elementos cinematográficos.

4 A Cidade de Goiás conta com uma população de 24.727 habitantes, uma área de 3.108,019 km² e está localizada a 135 km da capital Goiânia (IBGE, 2010). Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=520890&search=||infogr % E1ficos:-dados-gerais-do-munic%EDpio>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

5 Com recurso do orçamento do FICA, foram remunerados: doze estudantes como mediadores das oficinas (além de um professor e um servidor do IFG), um estudante responsável pelo making of das oficinas; e mais três bacharelados (e dois estudantes do curso técnico integrado em Produção de Áudio e Vídeo do IFG) para editar os filmes produzidos. Os equipamentos utilizados nas oficinas eram disponibilizados pelo do Núcleo de Produção Digital (NPD)/IFG. (ASSUNÇÃO, 2018).

Toda essa experimentação com o cinema deveria resultar em um curta metragem com temática ambiental para a exibição na mostra competitiva de vídeos escolares, durante o XVIII FICA. A escolha do tema foi feita pelos estudantes em cada escola e o roteiro foi produzido coletivamente a partir de outro dispositivo do *Inventar*, o roteiro-mapa - no qual os estudantes desenharam em cartolinas, um mapa do(s) ambiente(s) em que o filme se passaria, acrescentando possíveis falas e elemento diversos que poderiam aparecer.

Além da temática ambiental, a competição criada entre os filmes, foi uma característica que diferenciou o *Se Liga no FICA do Inventar com a Diferença*. Premiar os três melhores filmes produzidos, seria fazer o julgamento de que um filme era melhor que outro, depois de ter usado um referencial que valoriza o cinema e a educação como um gesto de criação coletiva, atento a experiência estética do outro.

Segundo Bishop (2008), os melhores exemplos de arte colaborativa tentam pensar o estético e o sociopolítico juntos. Ela questiona o viés ético das críticas feitas à arte baseada na colaboração social, em que:

[...] práticas colaborativas são automaticamente percebidas como gestos artísticos de resistência igualmente importantes: não há possibilidades de haver obras de arte colaborativa fracassadas, malsucedidas, não resolvidas ou entediadas porque todas são igualmente essenciais à tarefa de fortalecer os elos sociais. (BISHOP, 2008, p. 147).

Analisaremos cinco filmes produzidos no *Se Liga no FICA*, a partir da obra, mas considerando também o contexto de produção colaborativa em paralelo a discussão trazida por Claire Bishop e Alain Bergala.

4. ANÁLISE DE FILMES PRODUZIDOS NO *SE LIGA NO FICA* - EDIÇÃO 2016

Bergala (2008, p. 129) distingue a análise clássica de filmes – que “se funda e se restringe unicamente ao que está na tela”, buscando compreender, decodificar, “ler o filme” – da análise de criação – que “trata-se de fazer um esforço de lógica e de imaginação para retroceder no processo de criação até o momento em que o cineasta tomou suas decisões, em que as escolhas ainda estavam abertas”. A análise de criação faz parte da abordagem do cinema como arte, para que o espectador “vivencie as emoções da própria criação” (BERGALA, 2008, p. 35), criando mentalmente, novas escolhas para as cenas que assiste.

Exibidos no XVIII FICA no dia 20 de agosto, os filmes do *Se Liga no FICA* foram depois disponibilizados no canal de youtube do NPD Goiás⁶. Serão analisados os filmes: *Cerrado Brincado* (6'47"), *Meu Nome é Lyceu* (7'52"), *Elo* (9'15"), *Esquadrão Cerrado* (7'21") e *Memórias Secas* (7'23"). Vale ressaltar que além da análise fílmica, seria possível uma análise de recepção dos filmes na internet. São vários os comentários deixados principalmente por estudantes das escolas que produziram o filme, em um contexto de exibição individual, sem a mediação da escola ou do festival.

Buscamos fazer a decodificação do filme – seus planos, enquadramentos, movimentos de câmera – retrocedendo ao processo de criação, como sugere Bergala (e acusa Bishop). A ênfase no processo é guiada por questionamentos sobre autoria, co-criação e mediação.

4.1. CERRADO BRINCADO - COLÉGIO ESTADUAL CORA CORALINA

O documentário *Cerrado Brincado*⁷ (6'47") é o produto das oficinas ministradas no Colégio Estadual Cora Coralina pelos mediadores Carlos Cipriano Gomes Junior (professor do curso de Cinema e Audiovisual do IFG) e Gabriel Rocha Madeira (servidor do IFG).

O filme começa com trilha sonora e cartelas de apresentação⁸ presentes em todos os curtas. Mais uma cartela com “Colégio Estadual Cora Coralina”. O título do filme aparece sobre a imagem de um Ipê amarelo: *Cerrado Brincado*. O movimento da imagem é criado com a edição da imagem e não um movimento da câmera. Já temos aqui um elemento de discussão sobre autoria do filme, pois a oficina do *Se Liga no FICA* não comportou a edição/montagem dos filmes pelos estudantes das escolas, que só puderam assistir ao filme que fizeram já na tela do festival (ASSUNÇÃO, 2018, p. 28). Como não havia um roteiro bem estruturado para o que editor/montador seguisse, foi incorporado ao filme essa outra colaboração criativa vinda do editor/montador, responsável pela construção narrativa final.

6 Os filmes estão disponibilizados na playlist “*Se Liga no FICA 2016*”, disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLy11Se-FC2Alo7WbmRUetBGSXt4G-yHRB>>. Acesso em 12 ago 2019.

7 Filme disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fjGnXF01zR0>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

8 na primeira tela, lemos “Governo de Goiás”, “Seduce Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte” e “Subsecretaria Regional de Educação da Cidade de Goiás”; seguido pelas logomarcas dos parceiros IDESA Brasil, IFG e NPD Cidade de Goiás; e ainda “FICA 2016” e “FICA na Comunidade” apresentam “*Se Liga no FICA - Oficinas Comunitárias de Produção Audiovisual*”

Para Bergala (2008, p. 143), no núcleo de criação no cinema permanece um indivíduo, sem importar que “a filmagem seja o resultado de um trabalho de equipe”. Este indivíduo seria o diretor do filme, porém nem todos os filmes do *Se Liga no FICA* foram produzidos com essa divisão de tarefas tradicional – ou não chegaram a creditar um diretor. Teriam os mediadores assumido a direção quando ela era supostamente coletiva?

Fade. Uma panorâmica é feita das palmeiras de Buriti até um grupo de estudantes uniformizados que escutam uma professora falando sobre o tema do FICA, “sustentabilidade do cerrado”, e a relação da proteção do cerrado com a proteção da cultura de seu povo. A câmera na mão acompanha os adolescentes que ouvem a professora sem muito entusiasmo. Uma estudante chega a chamar a atenção do colega, apontando depois para a câmera. Um carro passa em alta velocidade no fundo da imagem, permitindo uma compreensão melhor do lugar em que os estudantes e as professoras estão: na beira da estrada, cercados por árvores de grande porte. Em nenhum momento é identificado com lettering ou com fala, o lugar onde eles estão. Nem mesmo a cidade é identificada. Essa não identificação do ambiente é recorrente nos outros filmes, mesmo tratando de documentários – que costumam identificar o lugar onde se passa o filme.

Ainda no mesmo plano, a professor defende o resgate cultural do povo do cerrado a partir das brincadeiras relacionadas ao meio natural. Temos, então, o tema do filme apresentado. Em seguida temos quatro planos dos estudantes andando pelo mato, pegando nas árvores, manuseando gravetos, mas no áudio continua a fala da professora, sobre as brincadeiras realizadas com materiais da natureza, citando a pipa feita das varetas retiradas da árvore do buriti. As imagens são todas com a câmera na mão, enquadramentos que vão do plano aberto ao close no rosto ou mãos dos estudantes, com zoom in e zoom out. Até que temos um plano com a câmera parada, com cinco estudantes em quadro, e uma delas contando que a avó tem balaio feito de buriti. O áudio dessa conversa continua com os estudantes citando o que eles conhecem feito de buriti (pipa, gaiola, peneira), mas a imagem agora mostra um jovem carregando uma rama da árvore do buriti. A imagem do reflexo da árvore do buriti, introduz uma sequência de planos dos estudantes no rio, pegando sementes. Em off, ouvimos uma estudante citando problemas ambientais, como o desmatamento em volta das nascentes dos rios e o lixo descartado na natureza.

A locação muda e temos os estudantes no que parece ser a biblioteca da escola - novamente o lugar não é identificado. Com uma trilha sonora diferente, os estudantes estão em grupos, desenhando em cartolinas, principalmente palmeiras de buriti e outras árvores, além do caminho numerado do jogo de amarelinha. Acredito que essa seja uma cena filmada durante o primeiro momento das oficinas, ainda em junho, quando os mediadores do IFG fizeram alguns dispositivos do *Inventar com a Diferença* nas escolas, sendo este o Roteiro-Mapa.

[...] Individualmente cada aluno desenha sobre uma folha grande um mapa de uma parte de sua cidade/bairro - pode ser da escola. Em cada lugar escolhido ele indica personagens e fragmentos curtos de diálogos, uma conversa aleatória ou curiosa da qual o estudante se lembra, frases que costumam ser ditas pelos moradores. (MIGLIORIN et al., 2014, pag. 81).

Da amarelinha desenhada na cartolina, o filme segue para a amarelinha desenhada no chão, com várias crianças brincando. As cenas de brincadeiras continuam, com cantigas e bola, até a apresentação teatral sobre uma personagem histórica da Cidade de Goiás, Maria Grampinho. Ela ensina uma nova música, que continua em off durante alguns planos de garotas fazendo bonecas de pano. Outras crianças estão lendo livros infantis.

No quinto minuto do filme, vemos uma criança ajudando a outra a utilizar a câmera – e explicitando que a imagem seguinte foi feita por uma estudante, como confirma a voz da menina em off nas cenas seguintes, entrevistando algumas colegas que estão confeccionando pipas na escola. O filme se encerra com cenas dos estudantes soltando pipa no Largo da Carioca – outro ambiente não identificado na obra. No último plano, temos o céu, o topo de algumas árvores e a pipa voando.

Imagens 1: Frames do filme *Cerrado Brincado*.

Essa ênfase às cenas filmadas pela menina, bem como os enquadramentos mais despreocupados que ela faz, nos faz questionar quem estava filmando antes dela. O fato de um colega lhe auxiliar com a câmera, pode demonstrar que as crianças estavam responsáveis pela filmagem nas outras cenas, mas nos créditos do filme temos que quem operou a câmera foi, não apenas os “alunos e alunas do Colégio Cora Coralina”, mas também os mediadores do *Se Liga no FICA*, Carlos Cipriano e Gabriel. Segundo Bergala (2008, p.135), a decisão do “ataque da câmera (em termos de distância, de eixo, de altura, de objetiva)” faz parte das três operações mentais – eleição, disposição e ataque – envolvidas no ato de criação e que se entrelaçam de modo dialético em todas as fases do trabalho.

Partindo apenas da informação dos créditos do filme, temos os mediadores participando da criação cinematográfica. O mesmo vale para as professoras da escola, Nara, Vânia e Arethusa, creditadas na categoria “roteiro, produção e direção”. A edição do vídeo é de Andressa Viana Soares, estudante do curso técnico integrado em Produção de Áudio e Vídeo do IFG, como temos detalhado na descrição do vídeo no youtube.

4.2. MEU NOME É LYCEU (LYCEU DE GOYAZ)

O documentário *Meu nome é Lyceu*⁹ (7'52'') é o produto das oficinas ministradas no Lyceu de Goyaz, pelos mediadores Matheus Leandro Amorim (na época, bacharelado do primeiro período de Cinema e Audiovisual do IFG) e Carola Mesquita (do terceiro período do mesmo curso). O filme inicia com as cartelas de abertura, mas sem trilha sonora. Em um plano aberto, uma mulher abre as janelas de uma sala escura, nos permitindo identificar o lugar e seus objetos em contraluz, à medida que as janelas são abertas. Em off, ouvimos uma voz masculina falando sobre o prédio da escola. Mais dois planos de cobertura – um da fachada do Lyceu e outro com uma panorâmica mostrando o pátio da escola – até revelar o dono da voz, o professor Saulo Ferreira, identificado com lettering, como todos os entrevistados do filme. O professor está no corredor da escola, apoiado em uma janela típica da arquitetura colonial da Cidade de Goiás, em um enquadramento com perspectiva, dando profundidade de campo.

Cenas de entrevistas seguem em diferentes lugares da escola – como no portão, na biblioteca, na sala dos professores, no pátio, na escadaria. Quando o lugar repete, muda-se a posição da câmera no espaço. Segue o formato com a câmera no tripé, planos fixos nas entrevistas e predominantemente nas imagens de cobertura também, com apenas quatro planos com movimento de câmera e um zoom out.

As cenas de cobertura possuem algo de observativo, como o plano na cozinha, em que uma mulher lava as vasilhas e, na janela aberta que dá para o quintal, vemos alguns estudantes passando. Em um plano aberto do pátio vemos algumas placas com as logomarcas do Governo de Goiás, estudantes, vasos de plantas, parte do prédio da escola, e ao fundo uma palmeira e a Serra Dourada. Plano do corredor da escola, com os estudantes passando – muitos encaram a câmera. Plano da sala de aula com os estudantes sentados, comportados.

⁹ Filme disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fKynTX5IFCo>>. Acesso em 13 ago 2019.

Foram entrevistadas pessoas de diferentes categorias do universo escolar: professores, diretor da escola, alunos e ex-alunos. Entre os temas abordados estão: o histórico da escola, sua conservação enquanto prédio histórico, a rotina dos estudantes, suas lembranças, seus sonhos, suas amizades, os elogios e as críticas à escola (como os professores que dão aula de campo poucas vezes, a falta da quadra de esportes).

Imagens 2: Frames do filme *Meu Nome é Lyceu*.



242

Na sequência final temos uma trilha sonora acompanhando os cinco planos que começam com uma foto antiga em quadro, que é tirada de quadro para revelar como aquele ambiente retratado está atualmente. Os créditos finais sobem sobre as imagens. Temos os nomes dos “participantes” e dos “mediadores”, até que o roteiro é creditado aos “alunos e professores”. A direção ficou com o professor responsável pela turma da oficina nessa escola, Noberto Ferreiro Pinto, e a câmera é assinada pelas estudantes Rafaela Ferreira Arrais Rufino e Liedra Cristan. A edição é do mediador Matheus e do Gabriel Vicente de Aquino, estudante do curso técnico integrado em Produção de Áudio e Vídeo do IFG. A música utilizada na trilha também é citada. Os entrevistadores não são citados nos créditos.

Em três depoimentos de estudantes, ouvimos perguntas em off e legendadas, mas sem a identificação de quem está perguntando. Por conhecer os mediadores das oficinas, foi possível reconhecer que em pelo menos duas das entrevistas, era o Matheus que estava perguntando. Essas perguntas foram improvisadas pelo Matheus? Toda a equipe podia fazer perguntas? Havia um roteiro de perguntas? Até onde deve ir à co-criação do mediador?

Bishop (2008, p. 148) fala em como os artistas da arte socialmente colaborativa “são julgados por seus processos de trabalho – o grau em que eles suprem bons ou maus modelos de colaboração”. A renúncia autoral, por exemplo, é usada como critério ético do que seria um modelo superior de prática colaborativa. O mediador deveria fazer essa renúncia?

4.3. ELO (COLÉGIO ESTADUAL WALTER ENGEL)

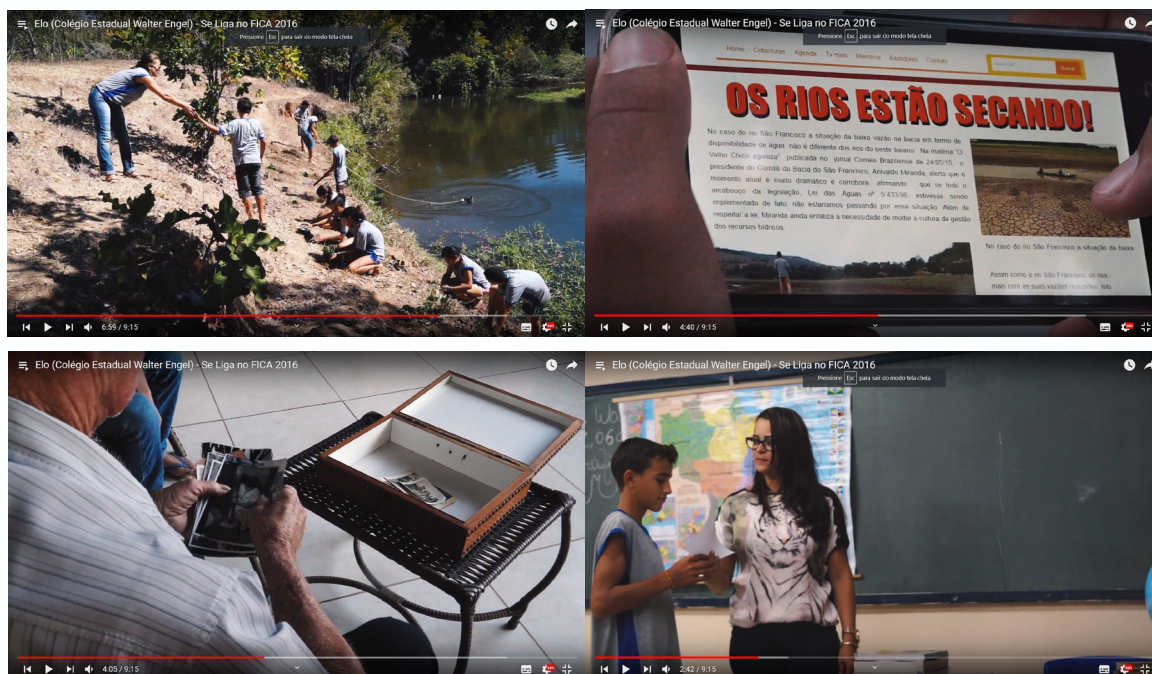
O curta-metragem de ficção, *Elo*¹⁰, é produto das oficinas no Colégio Estadual Walter Engel, mediadas por Sankirtana Avatara Godoy (na época, bacharelado do primeiro período de Cinema e Audiovisual do IFG) e Maria Vânia Sant’Anna (do terceiro período do mesmo curso). O filme começa com a cartela inicial sem trilha sonora, seguido pelo nome do filme em preto em um fundo branco, com um som de água. Um jovem anda em um riacho, câmera na mão com um plano detalhe em suas pernas e zoom out até um plano aberto. Mudança de ambiente com um plano fixo no corredor da escola. Na sala, plano aberto, a professora fala e os estudantes respondem. Em vários planos de posicionamentos de câmera diferentes, um menino está usando o celular e uma colega chama sua atenção, até que a professora toma seu celular (em cena fora de foco) e lhe dá uma atividade para a próxima aula: descobrir um problema ambiental na comunidade.

A conversa da professora com o estudante acontece com o uso de plano e contra-plano. Ao chegar em casa, o menino encontra o avô no quintal, abrindo uma caixa de fotografias em um plano com *contre-plongée*. Vemos as fotos que o avô manuseia em um plano *over the shoulder*. Até aqui temos uma variedade interessante de diferentes enquadramentos. Nas oficinas do *Se Liga no FICA*, foram trabalhados conceitos como

10 Filme disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EboA2yQinHA>>. Acesso em: 14 jun 2019.

plano, enquadramentos, movimentos de câmera, mas o foco não era munir os estudantes com um “glossário cinematográfico”. Segundo Bergala (2008, p. 127), as palavras servem apenas para traduzir e não tem nenhuma serventia no ato de criação.

Imagens 3: Frames do filme *Elo*.



Em um plano aberto, com os dois personagens sentados um ao lado do outro, o avô fala sobre as fotos que está vendo e conta sobre a preparação de alimentos com pilão, brincadeiras, pescaria, até citar a seca geral do rio em 1935. O neto se inspira e pesquisa no celular sobre a seca dos rios. É interessante como o mesmo aparato tecnológico que causou a distração do estudante na aula, o ajudou a estudar. Ao entregar o trabalho para a professora, ela questiona a solução daquele problema trazido pelo estudante. Acontece uma elipse temporal: ao invés de ouvirmos a resposta, a cena acaba e no plano seguinte vemos vários estudantes com mudas de árvores nas mãos. Depois de plantarem as mudas nas margens de um rio, eles pulam na água. Em uma elipse temporal ainda mais poética, vemos o protagonista mergulhando no rio e chegando na beirada um pouco mais velho. O jovem descansa contemplando o rio. No plano seguinte é um idoso que contempla no mesmo lugar. O rio foi preservado.

Os créditos desse filme detalham mais as funções exercidas no filme – direção, câmera, direção de som, som direto, still, produção executiva, ator, figurantes, mediação, edição e supervisão – o que pode significar que o modo de produção do filme foi mais próximo do modo tradicional, de divisão de equipes, em que há alguém responsável pelas decisões daquela área. Elo foi o único filme em que um estudante assina a direção. O único também a citar o professor do curso de Cinema e Audiovisual, Carlos Cipriano, como supervisor.

Chama atenção também o agradecimento final: “Ao FICA pela iniciativa. Ao IDESA pelo projeto. Ao IFG pela parceria”. Como também às pessoas que contribuíram com a doação de mudas, empréstimo de arquivo pessoal, apoio e “comunidade de Colônia do Uvá, pelo apoio e torcida”. Estes agradecimentos revelam um pouco o extracampo, as negociações feitas para que fosse possível chegar àquele resultado do filme.

4.4. ESQUADRÃO CERRADO - ESCOLA ESTADUAL DOM ABEL

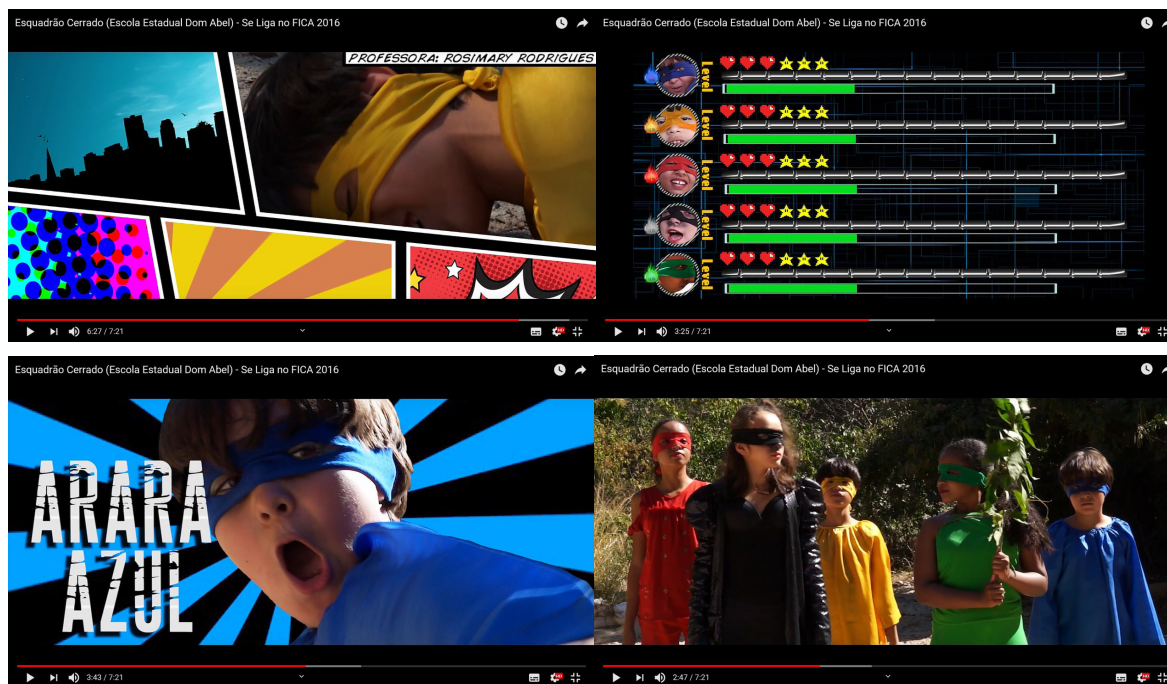
*Esquadrão Cerrado*¹¹ é o curta de ficção resultado da oficina mediada por Daniel Duarte e Rafael Freire, ambos estudantes do terceiro período de Cinema e Audiovisual. O filme destoa bastante dos outros por causa dos efeitos especiais. Logo após as cartelas de abertura, aparecem o nome da escola e do filme com grafismo animado, com efeito sonoro e trilha sonora. A tela tem formato *widescreen*, dando sensação de se tratar de um filme feito para sala de cinema.

Assim como o curta *Elo*, este traz a escola em sua narrativa, a partir de um trabalho sobre meio ambiente. Na primeira sequência temos a professora perguntando a respeito de um trabalho sobre o cerrado. Uma menina parece distraída e a professora conversa individualmente com ela. Já em casa, a menina está triste e pensativa ao beber água. Na mesa, ela lê em seu caderno: “como salvar as nascentes?” - em um plano detalhe. Pega um gibi e sorri. A menina desenha super-heróis. Em plano detalhe, a câmera se movimenta da mão para o rosto, revelando a máscara nos olhos que ela agora está usando. Corta para o desenho de uma cidade, com uma legenda com estilo de história em quadrinho, que diz “um dia normal na cidade...”. A tela se divide e vemos a menina vestida de heroína no

11 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gaGw0_LnUQ>. Acesso em: 15 ago 2019.

centro da tela, que está dividida como se fossem quadros de uma história em quadrinho. Seus amigos também estão vestidos de heróis. O filme mantém referências de quadrinhos, filmes de heróis e jogos de videogame.

Imagens 4: Frames do filme *Esquadrão Cerrado*.



246

Com uma trucagem que remete ao filme de Georges Méliès, um plano aberto se inicia na beira do rio, vazio até o surgimento “mágico” do *Esquadrão Cerrado* - grupo de heróis mirins. Eles enfrentam o “Coronel Pistola” e sua gangue. O figurino de todos eles chama a atenção, assim como o ataque do Coronel Pistola, que aparece na tela com uma onomatopeia de quadrinho, seguido pela tela que mostra os heróis perdendo sangue como nos jogos de luta de videogame.

Uma nova legenda estilizada diz “nossos herois estao feridos...” - sem os acentos. As crianças se contorcem no chão e a encenação mais teatral chama a atenção. A barra de saúde deles se recupera e os dois grupos trocam ataques de poder, feitos com efeitos especiais de pós-produção pelo estudante de cinema Daniel Oliveira, responsável pela edição do vídeo. Cada herói tem um ataque com nome de um animal do cerrado: arara azul, lobo guará, papagaio, tamanduá, onça negra¹². Eles derrotam os inimigos com várias

¹² onça-preta seria o nome correto, uma variação melânica da onça-pintada.

pessoas repetindo a frase “o poder da consciência” por toda a cidade, que mais uma vez não é identificada no filme. Com esse final inesperado, o filme se encerra com uma cena não-encenada, aproximando-se do documentário com voz em off falando sobre o desmatamento na beira do rio, estudantes caminhando com as mudas, até aparecer a dona da voz falando para uma roda de estudantes.

Este filme tem um aspecto geral diferente dos outros dez curtas do *Se Liga no FICA*. Parece mais profissional, com escolhas mais constantes. Há uma unidade nos elementos do filme. Nos créditos temos a informação que os mediadores assinam todas as funções, depois da apresentação nominal dos professores e dos alunos participantes. A “direção e roteiro” é de Daniel Duarte; a “fotografia” é de Daniel Duarte e Daniel Oliveira - que assina também a edição; e Rafael Freire assina “artes” e divide a “produção” com a professora Rosimary Rodrigues. Os estudantes não são nem creditados como elenco. Fica a pergunta: os estudantes agiram como coadjuvantes ou como co-criadores?

4.5. MEMÓRIAS SECAS - ESCOLA DR. ALBION CURADO

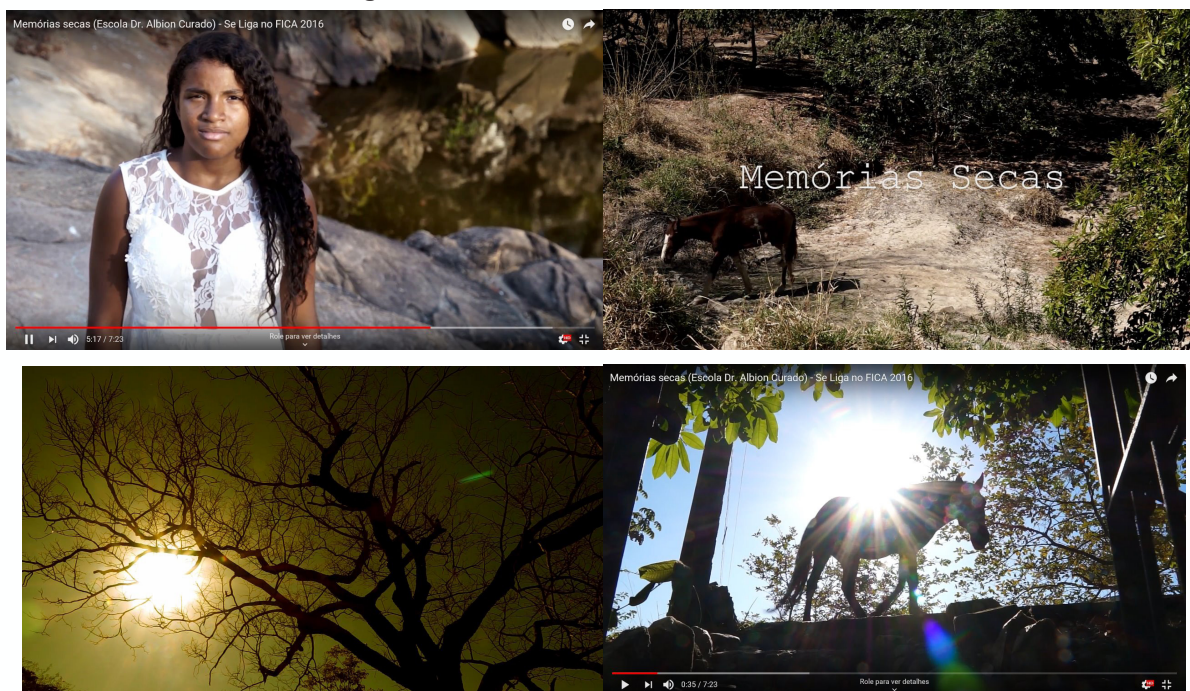
O documentário poético *Memórias Secas*¹³ é resultado da oficina mediada por Elder Patrick, Victor Hugo Diniz e Preta Sanches - estudantes do terceiro período de Cinema e Audiovisual. No primeiro plano depois das cartelas de abertura, agora com trilha sonora, temos o plano de um cavalo contra a luz, em *contre-plongée*. O título do filme aparece sobre o plano do cavalo. Uma sequência de planos detalhes com a câmera na mão: tucano, aranha, cipós, riacho com peixes pequeninos. Efeito sonoro acompanha a sombra de três pessoas no riacho. Em plano aberto, vemos árvores com troncos retorcidos e os restos de uma fogueira.

Os sons começam a se contrapor com as imagens. Em um plano fixo, árvores secas e pedras onde antes era um rio e o efeito sonoro de água corrente. Uma luz invade o céu (efeito especial), passando pelas árvores secas com efeitos sonoros de fogo e algo que remete à um disco voador. O céu muda de cor, de azul para laranja, em um *contre-*

13 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gjlTrPRQ7yo>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

plongée de uma árvore seca. Seguido por vários planos de insetos, com sons de vozes indistinguíveis. As imagens continuam com esses elementos citados com efeitos sonoros de risadas e de uma motosserra.

Imagens 5: Frames do filme *Memórias Secas*.



248

A sequência final traz os estudantes ao lado de um rio, encarando a câmera, um de cada vez, em um plano fixo. Ouvimos apenas a trilha sonora, mas nenhuma palavra é dita. No fim, um plano fora de foco, do encontro da imagem da água corrente com seu som de água. O portão que aparecia na cena inicial do cavalo, agora se fecha.

Enquanto os curtas *Elo* e *Esquadrão Cerrado* abordam a preservação das águas em narrativas clássicas, apresentando personagem, objetivo, obstáculo, solução e desfecho, *Memórias Secas* traz a mesma temática sem apresentar esses elementos. A narrativa sonora desperta o imaginário para além do que é mostrado com os detalhes daquele ambiente do rio seco.

Os créditos não trazem nenhuma informação sobre o som do filme para além das músicas utilizadas. Roteiro, direção e câmera são creditados aos alunos e professores participantes, citados nominalmente no começo dos créditos. A edição é do mediador Elder e de outro estudantes de Cinema e Audiovisual, Arthur Cintra.

5. CONCLUSÃO

Analisar os filmes produzidos no *Se Liga no FICA* - edição 2016, considerando o cinema produzido na escola como arte colaborativa a partir de questionamentos de Claire Bishop (2008) e da análise de criação de Alain Bergala, mostrou a potência existente nessas obras e em um evento como a Mostra Competitiva de Vídeos Escolares *Se Liga no FICA*. É possível perceber diferentes relações de autoria entre os co-criadores dos filmes (mediadores, estudantes, professores e editores).

A partir de uma metodologia comum nas oficinas de cinema do *Se Liga no FICA*, as seis duplas de mediadores tornaram possíveis filmes com diferentes características. Entre os cinco filmes analisados neste trabalho, dois eram filmes de ficção (*Elo* e *Esquadrão Cerrado*) e três, documentários (*Cerrado Brincado*, *Meu Nome é Lyceu*, e o mais poético e experimental deles, *Memórias Secas*). Os curtas seguiram uma lógica mais tradicional de divisão da equipe em áreas. Alguns filmes pareciam ter um cuidado maior com a fotografia, outro com a narrativa, outro com o som, parecendo haver ligação dessas características com o que os mediadores levavam como especificidade própria enquanto artista.

Bergala vê a interferência dos artistas que conduzem as realizações nas escolas como algo que faz parte da criação coletiva. Uma de suas contribuições para o filme, como membro daquela pequena comunidade. Observar o mediador fazendo uma pergunta ao entrevistado, como em *Meu nome é Lyceu*, pode ser um momento de aprendizagem.

É uma forma de transmissão um pouco inusitada na escola, pois não passa pela palavra, pela racionalidade. Existe, contudo, algo que pode se transmitir diretamente numa experiência como, por exemplo, ver como se segura uma câmera, como se ajusta um quadro, com a condição que se coloque aqueles que assistem num estado de observação aguda. (BERGALA, 2008, p. 180).

Antes de fazer um julgamento ético dos filmes a partir da avaliação da relação do mediador com os estudantes, e de sua renúncia autoral, é preciso compreender os filmes como registros de experiência, etapas de processos criativos compartilhados. As relações, negociações e criações entre estudantes e mediadores foram diferentes em cada escola, em cada filme, e persistem nas imagens e sons editados, como extracampo (MIGLIORIN; PIPANO, 2019, p. 66) - ainda que não seja possível recriá-las apenas analisando os filmes.

A contribuição criativa maior ou menor dos mediadores nos filmes pode estar relacionada às suas preocupações com o filme enquanto produto que seria avaliado em um evento público. Bergala (2008, p. 177) trata como uma perversão da realização cinematográfica no âmbito escolar, organizar tudo em função do resultado. Tentar tornar o filme mais legível e acessível, “sem zonas de resistência nem resto”, assumindo escolhas dos estudantes que demandam mais tempo e negociações, acarreta um confisco do ato de criação.

Bergala (2008, p. 135) estabelece três operações mentais necessárias à criação cinematográfica: eleger coisas no real - como cenários, atores, cores, gestos, ritmos, tomadas, ambientes sonoros; posicionar esses elementos; e decidir o ângulo ou o ponto de ataque ao que foi escolhido e disposto. Os estudantes não vivenciaram as operações mentais relativas à montagem - como a escolha das tomadas, da ordem relativa dos planos, a decisão dos cortes de entrada e saída das imagens e sons - perdendo parte da criação cinematográfica para os editores e mediadores, devido ao pouco tempo entre as oficinas e a Sessão do *Se Liga no FICA*.

Na exibição dos filmes no festival, os estudantes se tornaram espectadores de seus próprios filmes e dos filmes das outras escolas. Teria sido enriquecedor um debate depois da exibição, para que os estudantes, professores e mediadores pudessem compartilhar suas diferentes experiências, escolhas, dificuldades e reflexões sobre os atos de criação – de seus e dos outros filmes.

250

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Morgana Sousa. **Se Liga no FICA: o cinema na escola e a escola no festival**. 2018. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Cinema e Audiovisual – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Cidade de Goiás, 2018.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink, Cinead-Lise-FE/UFRJ, 2008.

BISHOP, Claire. A virada social: colaboração e seus desgostos. In: **Concinnitas**. Ano 9, vol. 1, n. 12, jul. 2008. Rio de Janeiro: UERJ. pp.145-155.

CARNEIRO, G. C. **O Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental - FICA na produção e disseminação da consciência ambiental**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás. 2005.

FRANCO, Marília. Hipótese-cinema: múltiplos diálogos. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 8-23, 2010. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002247003.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006-14. In: FRESQUET, A. (org). **Cinema e Educação: a lei 13.006 - reflexões, perspectivas e propostas**. Ouro Preto: Universo Produções, 2015. Disponível em: <http://www.redekino.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Livreto_Educacao10CineOP_WEB.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

IFG. **IFG - Cidade de Goiás é parceiro no projeto Se Liga no FICA**. 2016. Disponível em: <<http://w2.ifg.edu.br/goias/index.php/component/content/article/1-latest-news/2011-projeto>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente Cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015.

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. *Cinema de Brincar*. Belo Horizonte: Ed. Relicário, 2019.

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac; GARCIA, Luiz; GUERREIRO, Alexandre; NANCHERY, Clarissa; BENEVIDES, Frederico. **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos**. Niterói: Editora da UFF, 2014. Disponível em: <http://www.corais.org/sites/default/files/inventar_com_a_diferenca_20140514.pdf>. Acesso em: 11 ago 2019.